

# EL REINO DE ESTE MUNDO: A DESCONSTRUÇÃO À LUZ DA TEORIA GERAL DE SISTEMAS

Ronald Ferreira da COSTA\*

- **RESUMO:** O presente artigo apresenta uma breve revisão teórica do procedimento desconstrucionista de Derrida à luz da Teoria Geral de Sistemas, numa aproximação à obra *El reino de este mundo* de Alejo Carpentier. O procedimento crítico aqui adotado é uma ampliação referencial que corrobore a perspectiva desconstrucionista. Assim, abordo a desconstrução desenvolvida em *Gramatologia*; procuro aproximá-la da Teoria Geral de Sistemas, pressupondo com esta a origem teórica daquela; abordo contextual e teoricamente as variações conceituais do romance histórico como equifinalidade sistêmica de um gênero literário; aproximo a proposta teórica a *El reino de este mundo*; e, finalmente, procedo à ampliação referencial com a hipótese de encontrar em Platão um protorromance histórico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Desconstrução. Teoria geral de sistemas.

## A desconstrução como procedimento crítico

A preocupação derridiana em *Gramatologia* consiste no questionamento da estrutura interna do texto como sintoma da metafísica a que este pertence e que o autor quer questionar. Disso decorre que sua empresa, já iniciada com Nietzsche, também se limita em criar novos conceitos, com efeito, apenas a desconstrução desse logocentrismo, a que estamos paradoxalmente aferrados, o possibilitaria. Desconstrução esta, já amplamente tratada em seu sentido mais exato e estrito por diversos estudiosos do autor – aqui nos embasamos em Johnson (2001) e Siscar (2012) – que nada tem de destruição transitiva, refutação ou antagonismo filosófico, mas é desveladora dos reflexos conceituais e argumentativos que precedem e condicionam o pensamento. Trata-se, antes, de um diálogo crítico no contexto da teoria da escritura. Nessa aproximação problematizante, a desconstrução cuida de não armar novo castelo de cartas, evitando axiomas, pois Derrida compreende, e já Nietzsche o compreendera, essa falácia. Ambos identificam que não se dispõe de elementos interpretativos da realidade, que não sejam ideologicamente constituídos, e quando, não obstante, é tomada a decisão de refletir acerca das condições de vida, a experiência entra em disjunção com o aparato teórico conceitual de que se

---

\* IFPR - Instituto Federal do Paraná. Londrina- PR – Brasil. 86060-370. ronald.costa@ifpr.edu.br  
Estudante de doutorado (Instituição financiadora: CAPES). UEL - Universidade Estadual de Londrina.  
Programa de Pós-Graduação em Letras. Londrina - PR- Brasil. 86057-970.

Artigo recebido em 03/08/2017 e aprovado em 05/11/2017.

dispõe. Nietzsche, nesse estado patológico de transição, propõe o niilismo, *amor fati*; Derrida, a desconstrução.

A ideia de *continuum* na teoria da escritura em *Gramatologiá* (DERRIDA, 1973), implica numa transcendência estrutural e histórica. Isso o faz *desfamiliarizar* as distinções habituais próprias do estruturalismo, do que resulta a coimplicação e a continuidade, ascendente e precedente, sincrônica e diacrônica, do objeto num sistema complexo de correlações. No caso em tela, o autor debruça-se sobre a escritura a fim de desmontar seu antagonismo reducionista com a fala. Nesse ponto, seu procedimento investigativo se localiza no cerne da Teoria Geral de Sistemas (BERTALANFFY, 1996).

Com efeito, a literatura, assim como as demais condições de vida, se a compreendemos como produção logocêntrica da filosofia, não deve ser aprioristicamente classificada, em definição que lhe seja anterior, com seus elementos interpretativos pré-concebidos. Tratar-se-á, pois, de questionar as definições em que se acredita. Nesse sentido, coimplicação e continuidade em transcendência das classificações: Novo Romance Histórico (WEINHARDT, 2011) e Metaficção Historiográfica (HUTCHEON, 1991) são conceitos que, com suas especificidades e abrangências, podem ainda deixar lacunas a ser preenchidas. Passo então aos pressupostos antes do objeto.

## A complexidade em Derrida

O ato da desconstrução em Derrida, desde o ponto de vista aqui adotado, concentra-se numa ampliação da referência, em detrimento ao reducionismo do procedimento analítico, já consolidado no estruturalismo. A explicitação dos silenciamentos e contradições dos objetos em juízo, como atividade crítica tão própria e notória em Derrida, só se faz possível, aliás, devido à ampliação da referência que, do contrário restrita, engendrará, no lugar, classificações reducionistas e apriorísticas, encerradas na sua descontinuidade. As tentativas de enquadramento do amplo espectro da escritura, em leituras mais intensamente microscópicas, restringem a possibilidade – ou compreensão de possibilidade – de novas referências. O mérito de Derrida está, justamente, no empreendimento da ampliação do imediato referencial, na visão macroscópica com a que se possa identificar a peça faltante nos construtos imaginários desse logocentrismo imperativo. Identificá-la e trazê-la à luz é desconstruir, não por terra arrasada, mas, muito mais elegante e pedagógico, demonstrando lacunas e fragilidades do que se crê sólido e constante.

Essa ética filosófica – coloquemo-la assim – conforme apontado, é tributária da Teoria Geral de Sistemas (TGS) em oposição ao que se considera o enfoque analítico-reducionista com seus princípios lineares e mecânico-causais. Enfoque esse que, em transferência das ciências chamadas duras às humanas, conformou-se de forma mais acabada no estruturalismo, que, afinal, quer-se opor Derrida. Não bastassem as notórias inadequações desse cientificismo às humanidades, mesmo na física e na biologia, ficaram patentes as limitações teóricas desse procedimento analítico, a despeito dos grandes avanços da ciência, observados desde a segunda metade do século XIX.

Nesse contexto, já no século seguinte, desenvolve-se um novo viés nas ciências que, ao contrário do precedente, não reconhece limitações de aplicabilidade de sua teoria. Embora tenha raízes também na física, na biologia, e agora na *cibernética*, a TGS apresenta-se, assim, como uma forma sistemática e científica de aproximação e representação da realidade, com modelos equacionais e aritméticos transferíveis a várias disciplinas, alterando categorias básicas do pensamento humano. Seu modelo de isomorfismo sistêmico é a correspondência entre princípios que regem o comportamento de elementos ou fenômenos que, se bem sejam intrinsecamente diferentes, em alguns aspectos registram similitudes estruturais, sinergias, e necessidades de procedimentos afins.

Isso posto, a complexidade que atribuo, sob esse ponto de vista, à leitura derridiana é aquela que identifica a potencialidade de interação entre elementos circundantes a seu objeto, no caso, a escritura. Vale ainda ressaltar que a TGS pode ser também concebida como ideia guia, prescindindo da representação formal, aritmética ou equacional, e é nesse sentido que essa teoria parece compor o procedimento desconstrucionista.

Pois bem, no que nos concerne, Derrida propõe questionar, em *Gramatologia*, o “logocentrismo”, característico da metafísica. É, em outra perspectiva, o que Nietzsche (2007) chamou de racionalismo logicizante, ao demonizar Sócrates, idealizador da decadência da tragédia grega e, por conseguinte, da cultura helênica. Derrida, por sua vez, debruçado sobre o estruturalismo de Saussure, Lévi-Strauss e Rousseau, propõe uma transcendência e a desfamiliarização da escritura, para além do dualismo socrático que relegou a escrita à subordinação da fala. Com efeito, o autor parte da ideia de traço, o conceito irredutível da γράμμα (*gramma*), uma arqui-escritura pré-biológica, para chegar aos desdobramentos da escritura alfabética na ordem do λόγος (*logos*), demonstrando sua não prevalência estrutural ou significativa.

Esse logocentrismo – ou racionalismo logicizante – socrático é, originalmente, dialético, portanto, oral. Assim, o que dele decorre, a escritura, seria um pálido sucedâneo do fenômeno autêntico, o que Sócrates condena, seguido por Platão que, fiel e traidor de seu preceptor, evangeliza o nascimento da filosofia em seus diálogos, numa dialética pensada por um homem só:

Platão inventou o diálogo como literatura, como tipo particular de dialética escrita [...]. A esse novo gênero literário, o próprio Platão chama pelo novo nome de “filosofia” [...]. Quanto à sabedoria, a escrita proporcionará a aparente, não mais a verdadeira (COLLI, 1996, p.92-93, grifo do autor).

Embora tenha banido os poetas da *República*, Platão o fez literariamente, *romanceando* a dialética socrática. Esse fato histórico, em seu patente paradoxo, ilustra a fragilidade do que Derrida habilmente desconstrói, deixando no lugar a problemática de como questionar tradições filosóficas sem lançar mão de seus recursos epistemológicos. Daí que seja possível imaginar qualquer outra configuração da filosofia e da cultura ocidental, se Platão não houvesse incorrido no (in)condenável simulacro da dialética por meio da literatura. Seu recurso, nesse sentido, é antagônico a seu objeto.

## Onde está o Romance Histórico?

Como não havendo ensejo justificável, não hei encampar polêmicas acerca do que seja o pós-modernismo, até por muito que já discutido. Elenco, pois, alguns apontamentos, que apenas orientem a reflexão. Já foi dito que as concepções da pós-modernidade têm sua origem no pensamento pós-estruturalista, o que caracterizaria o fim da epistemologia (GIDDENS, 1991). Corresponde, essa proposição, ao que notamos acerca da produção de Derrida, como vimos. Por outro lado, entre as várias características que Linda Hutcheon (1991) aponta acerca do pós-modernismo, eu gostaria de elencar a historicidade, cuja presença contraditória e não nostálgica oportuniza a reavaliação crítica que ensinaria aquilo que denomina por *metaficção historiográfica*. Com essa terminologia, a autora procura referir os romances que apresentem uma autoconsciência teórica acerca de sua ficcionalidade e historicidade, escritas como criações humanas, que é a base para a reelaboração de formas e conteúdos passados. A contradição se instala na *metaficção historiográfica* justamente ao articular ficção e história, o que seria, portanto, um aspecto herdado da pós-modernidade.

Desde outro ponto de vista conceitual, o *romance histórico*, consensualmente iniciado com Walter Scott, e antonomasicamente teorizado por Georg Lukács, tem o modo de agir das personagens condicionado pela especificidade histórica do tempo da ação como principal característica, mas o que se aproximaria da pós-modernidade é a sua forma mais acabada com o *novo romance histórico*. A partir de teses como a de Roland Barthes que tratam o discurso histórico como ideológico e a existência do fato como fenômeno essencialmente linguístico, se torna profícua e menos problemática a aproximação entre história e literatura, ao ponto de haver uma ruptura no pacto realista. É narrativa que já não se sujeita, nem à veracidade histórica, nem à verossimilhança ficcional, daí que uma das propriedades distintivas do *novo romance histórico* para com seu predecessor seja o conceito de realismo mágico<sup>1</sup>. Tanto é assim, que o marco inaugural do gênero seja no ano 1948 com a publicação da obra *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier (1993). A perda das ideologias e a desilusão do pós-guerra engendram a deliberada distorção histórica, sem que, no entanto, esta se torne irreconhecível. São estas características que, para além da contradição apontada por Linda Hutcheon (1991), compreendo tributárias da pós-modernidade, em que busco assento temporal.

A articulação de diferenças – tantas pós-modernidade, mas que aqui concerne as de domínio da história e da ficção – poderia ser ampliada de tal modo que se possa alcançar o *continuum* referencial que foi apresentado no início, proposto por Derrida. É somente na emergência dos *interstícios* (BHABHA, 2013), enquanto sobreposição e deslocamento de domínios da diferença, que se delineará o valor cultural do que seja o objeto em tela. Fica, assim, mais tangível a contribuição que a TGS pôde dar à desconstrução derridiana, porque, diferente do procedimento analítico em que se buscaria a fragmentação do gênero, a linearidade sincrônica determinante e sua não

---

<sup>1</sup> Adoto a expressão “realismo mágico” como sinônima do “*real maravilloso*” postulado por Alejo Carpentier, não obstante, vale advertir não haver consenso nessa correspondência.

interação entre os domínios do saber, a abordagem por sistemas trata da complexidade organizada, das fortes e profícuas interações possíveis, sem linearidade apriorística. Diante do exposto até aqui, ficam inequívocas as correspondências entre esse método de aproximação, a natureza no gênero proposto e as características e pressupostos temporais. Tentarei mostrar então, do ponto de vista teórico, como é possível armar uma abordagem crítica qual a derridiana.

### Uma variante maravilhosa

A TGS propõe compreender objetos como elementos de um sistema de variáveis mutuamente dependentes. Disso presumo que, com Derrida, a desconstrução seja, afinal, não do objeto, da obra ou do autor, mas de uma abordagem analítico-reducionista, e nisso está a mudança nas categorias básicas do pensamento crítico. Anti-determinista, não há assentar uma única, ou apriorística, aproximação possível, ou seja, “sistema” apenas pressupõe ampliação de foco e busca de interrelações. Se não é reducionista, é, antes, perspectivista: o que se há conceber como um sistema, e quais sejam seus elementos relacionáveis, serão dados pelos limites de interesse do observador. Derrida compreendeu a escritura como um sistema; à guisa, pois, de experimentação, tomarei, do gênero romance, sua corrente histórica, nas ambas concepções teóricas mencionadas – Hutcheon (1991) e Weinhardt (2011) – como tal, pressupondo as obras como elementos, ou variáveis, mutuamente dependentes.

A imediata refutação de uma perspectiva analítica, por impossibilidade de se pressupor essa dependência mútua entre obras diversas, vai de encontro ao princípio de equifinalidade, qual seja: é possível, a partir de distintas condições iniciais e por distintos caminhos, chegar a um mesmo estado final – fim este que se refere a um estado de equilíbrio do sistema, por interação dinâmica ou disposição fixa, categorias que encontramos na Teoria Geral de Sistemas de Bertalanffy (1996).

Consideremos autores e contextos diversos que, longe de uma possibilidade de interação empírica ou intenção programática, acabam por produzir um gênero específico, ou uma escola literária, conforme se convencionou classificar a produção cultural das letras. A essas convenções, estou atribuindo o equilíbrio do sistema, que é baseado numa cadeia causal de *interação dinâmica*, ou seja, vejo uma rede de produção cultural que, contextual, histórica e literária, a exemplo da homeostase dos sistemas biológicos, cria um ambiente favorável ao equilíbrio. O oposto disso seria a produção desse mesmo equilíbrio mas, como *disposição fixa*, por retroalimentação, ou seja, uma corrente programática. Não raro, pode acontecer que uma interação dinâmica passe a ser uma disposição fixa, como o romantismo e as vanguardas, que surgiram como um fenômeno, mas tiveram também seu desenvolvimento programático.

O mesmo não se pode dizer do *novo romance histórico* ou da *metaficção historiográfica*, quero dizer, considerá-lo – pois ambas expressões referem-se a um mesmo fenômeno – um movimento programático, mas tentarei conceber uma equifinalidade observável, considerando algumas inequívocas características.

Dentre tantas já tratadas em estudos e obras de maior fôlego – vide revisão teórica (ESTEVEZ, 2010) – quero destacar inicialmente a autorreferencialidade, que possibilita o advento do realismo mágico ao romper com solicitude pedagógica balzacquiana, essa “luz psicológica”, a “motivação”, que afasta o inverossímil, revelando os vínculos, e garantindo a coerência da ordem moral (GENETTE, 1972). Essa motivação é o álibi causalista como regra ausente no realismo mágico cuja definição, passo a transcrever:

[...] *lo maravilloso comienza a serlo de manera inequívoca cuando surge de una inesperada alteración de la realidad (el milagro), de una revelación privilegiada de la realidad, de una iluminación inhabitual o singularmente favorecedora de las inadvertidas riquezas de la realidad, de una ampliación de las escalas y categorías de la realidad, percibidas con particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu que lo conduce a un modo de 'estado límite'. Para empezar, la sensación de lo maravilloso presupone una fe* (CARPENTIER, 2003, p.5).

Esta definição consta do prólogo de *El reino de este mundo*, razão porque passo a pressupor dela, o engendramento de outras características do gênero que inaugura. Assim, a *alteração da realidade* como anacronismos, omissões e ficcionalização de personagens históricos; a *revelação privilegiada da realidade* como a releitura crítica dos fatos históricos; a *iluminação das inadvertidas riquezas da realidade* como uma multiplicidade de perspectivas narrativas, como intertextualidade, *pastiches*, paródia, e como a heteroglosia bakhtiniana, com ênfase nas vozes silenciadas pela história oficial; a *exaltação do espírito* no relato histórico em primeira pessoa, abolida a distância épica da narrativa histórica; a *ampliação das escalas e categorias* como as hipérboles, o exagero e o grotesco; finalmente a *fe*, como justificativa à contraditoriedade, ao mitologismo, à apócrifa fonte documental, e como, afinal, a todo o anterior.

Ainda no mesmo prólogo, o autor cubano relata haver feito uma viagem a Haiti e haver ali encontrado advertências mágicas, e segue: “[...] *me vi llevado a acercar la maravillosa realidad recién vivida a la agotante pretensión de suscitar lo maravilloso que caracterizó ciertas literaturas europeas de estos últimos treinta años*”<sup>3</sup> (CARPENTIER, 2003, p.7), com qual motivação, faz uma crítica a esse “*maravilloso pobremente sugerido*”, aos truques de “*prestidigitación*”. É sabido que Carpentier participara do círculo surrealista francês, pouco antes da viagem a Haiti, mas sua produção literária mais relevante, só apareceria após essa experiência com que concebe o realismo mágico, após cuja definição, completa: “*Esto se me hizo particularmente evidente durante mi permanencia en Haití,*

---

<sup>2</sup> “[...] o maravilhoso começa a ser percebido de maneira inequívoca quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação incomum ou singularmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de ‘estado limite’. Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé” (CARPENTIER, 2003, p.5, tradução nossa).

<sup>3</sup> “[...] fui levado a aproximar a maravilhosa realidade recém vivida à exaustiva pretensão de suscitar o maravilhoso que caracterizou certas literaturas europeias desses últimos trinta anos”(CARPENTIER, 2003, p.7, tradução nossa).

*al hallarme en contacto cotidiano con algo que podríamos llamar lo real maravilloso*<sup>4</sup> (CARPENTIER, 2003, p.11). São os poderes licantrópicos de Mackandal, nos que amplamente se acredita; a impropriedade arquitetura e as poéticas neo-barrocas; a diáspora africana e a prevalência de sua religiosidade vodu; a primeira independência das Américas; e a primeira monarquia negra com Henri Christophe, de incríveis empenhos e tirania que, apesar da rigorosa documentação acerca dos fatos e personagens, primários e secundários, cujos nomes são respeitados, ensejaram a singularidade dos acontecimentos em que “[...] *todo resulta maravilloso en una historia imposible de situar en Europa*”<sup>5</sup> (CARPENTIER, 2003, p.14).

Não há negar, pois, haver uma atmosfera favorável, *sine qua*, Carpentier *non* produziria sua obra mais emblemática. Nela já se pode ver a causalidade requerida daquela rede de produção cultural anteriormente mencionada – em termos contextuais, vale mencionar: as reflexões pós-colonialistas já em voga; fatores históricos, com a vivência do autor no Haiti e sua decorrente pesquisa do que será espaço e objeto de sua narrativa; e fatores literários, com sua propensão ao estilo barroco e seu trânsito pelo surrealismo.

Tudo isso, não obstante, não configura equifinalidade de um sistema, cujas variáveis sejam esta em tela e outras obras que tenham surgido depois dela, com as mesmas ou algumas das características aqui elencadas. Sem recorrer ao óbvio procedimento analítico comparatista de elencar uma ou muitas outras obras com feições que se julguem similares, tenho uma última suspeita a fim de comprovar a hipótese sistêmica. Quero, assim, conjecturar que aquela rede de produção cultural, se estenderia de forma bastante mais remota, a ponto de que algumas das fundantes características mencionadas não fossem novas naqueles meados do século XX.

### **Filosofia ou protorromance histórico?**

Gosto de imaginar *O banquete* como um protorromance histórico, em tantas de suas características. Convencionou-se saber – porque o consenso, fora de umas estruturas muito restritas, se não é amplificação retórica, mas ingênua ilusão – que as personagens nominadas nos escritos platônicos são figuras históricas, em sua ampla maioria. Sendo Sócrates seu preceptor, é em torno dele que se dá o diálogo de *O banquete*, que haveria ocorrido na casa de Agatão. O narrador, Apolodoro, relata a um amigo o que ouviu de Aristodemo, pois este estivera presente no banquete, ao contrário do narrador. Tem ali lugar cinco discursos em louvor ao Amor, com que os convidados de Agatão entretêm seu tempo a fim de ver de quem é o mais belo discurso. Pela ordem estabelecida, ou pela conveniência narrativa de Platão, Sócrates é o último a discursar, quando se dá à luz o conhecimento. O exercício dialético da maiêutica socrática é, aliás, bastante próximo do

---

<sup>4</sup> “Isto se tornou para mim particularmente evidente durante minha permanência no Haiti, ao encontrar-me em contato cotidiano com algo que poderíamos chamar de o real maravilloso” (CARPENTIER, 2003, p.11, tradução nossa).

<sup>5</sup> “[...] tudo resulta maravilhoso numa história impossível de se situar na Europa” (CARPENTIER, 2003, p.14, tradução nossa).

procedimento crítico desconstrucionista. Consiste em fazer revelar as contradições no discurso do interlocutor, por inquirição dialética. É essa disputa cognoscitiva homem/homem que não encontraria símil autêntico na perversão literária, conforme compreendia Sócrates.

Isso posto, convém rememorar, muito esquematicamente, algumas das características do romance histórico. Menton (apud ESTEVES, 2010) aponta seis características, algumas já mencionadas acerca de *El reino de este mundo*, as quais identifico com o diálogo em tela:

- Subordinação da reprodução mimética de certo período histórico à apresentação de certas ideias filosóficas:  
Muito menos relevante em Platão figura o registro histórico do que o legado filosófico.
- Distorção da história por:
  - a) omissão – Platão omite sua presença em todos os seus escritos e eventuais fatos ou atos que desautorizem Sócrates;
  - b) exagero – a hegemonia de Sócrates é louvada em todos os planos da virtude, não apenas intelectual, sendo impossível contestar sua autoridade histórica;
  - c) anacronismo – naquele contexto, o ato da escritura frente à autenticidade cognoscitiva dialética, relatando um fenômeno anterior ao tempo da narrativa e preservando-o à posteridade inabarcável, é absolutamente anacrônico.
- Ficcionalização de personagens históricos:  
O escopo de perpetuar a figura de Sócrates tão virtuosa, no plano da narrativa platônica, enseja uma idealização sobre-humana da personagem.
- Metaficção:  
Inserido no contexto dialético, o plano da narrativa de *O banquete* é metaficcional na medida em que o enunciador se preocupa em demonstrar para o leitor o percurso da sobreposição narrativa, cuja finalidade é o distanciamento retórico da enunciação.
- Heteroglosia:  
Embora Apolodoro seja o único narrador, dada a sobreposição narrativa já mencionada, tem-se sete vozes divergentes acerca do Amor, sendo cinco discursos distintos, a refutação de todos eles por Sócrates, e um discurso indireto de Diotima na voz de Sócrates.

Que se queira acreditar que essas aproximações são fortuitas para configurar a equifinalidade, o argumento transcende as semelhanças. O que quero ressaltar é uma reflexão acerca do nascimento da filosofia, aqui, seguindo o postulado por Colli (1996), reconhecido no advento dos escritos platônicos. Nesse contexto, consolida-se o logocentrismo da escritura, quando Platão perverte a dialética, já compartilhando



elementos da história e da ficção. Conforma-se, assim, a tendência, o ambiente favorável ao romance histórico, que atravessou tempo e espaço a transcender e plasmar toda história da produção da cultura ocidental, desde sua gênese clássica. Para alcançar a sua forma pós-moderna inaugurada por Carpentier bastou o autor conjugar o tropo desses tempos do além (BHABHA, 2013) com a cosmogonia latino-americana, a que, afinal, o autor estende a presença do realismo mágico.

No contexto hipotético de uma estética literária sistêmica, procurei ampliar a referência à aproximação do objeto, transcendendo a perspectiva analítica do comparativismo. Entre *O banquete* e *El reino de este mundo*, podem distar séculos e idiosincrasias, mas há um fio condutor que quis apontar, que é a filosofia no seu sentido mais genésico, de que história e literatura fazem parte. Nesse sentido, logocêntrico, ousou não duvidar de uma equifinalidade sistêmica, mas dos descaminhos amnésicos do pensamento analítico-reducionista, desde os quais, muito já se discutiu entre novo romance histórico e metaficção historiográfica. Tudo, afinal, insertos no mesmo sistema logocêntrico. Mas o escopo não foi reproduzir ou reinventar Derrida, senão compreender teoricamente sua proposta crítica e ensaiar sua viabilidade – como conclusão desconstrucionista, não seria outra possível que a de apontar as lacunas de gêneros literários que, quando autorreferenciais e apriorísticos, se tornam reducionistas.

Agradecimentos:

Este trabalho só foi possível ser realizado com o apoio de:

Fundação CAPES

Instituto Federal do Paraná

Diz-se que não se deve agradecer a um trabalho bem feito por pressuposição do ofício, mas a simpatia da Professora Dra. Luciana Britto e a amizade do Professor Dr. Frederico Fernandes transcendem qualquer obrigação laboral bem realizada, pelo que os agradeço.

COSTA, R. F. da. El reino de este mundo: deconstruction in light of the General System Theory. **Revista de Letras**, São Paulo, v.57, n.1, p.145-154, jan./jun. 2017.

- **ABSTRACT:** *The present article presents a brief theoretical revision of the deconstructionist procedure of Derrida in light of the General System Theory, in an approximation to the work El reino de este mundo of Alejo Carpentier. The critical procedure adopted in this article is a referential enlargement that corroborates the deconstructionist perspective. Therefore, we present an approximation of the deconstruction developed in Grammatology with the General System Theory, presupposing with this your theoretical origin; an approach to conceptual variations, in theoretical and conceptual terms, of the historical novel as a systemic equifinality of a literary genre; an approach of this theoretical proposal to the El reino de este mundo; and finally, we proceeded to the referential enlargement with the hypothesis of finding in Plato a historical proto-romance.*
- **KEYWORD:** *Literature. Deconstruction. General Theory of Systems.*

## Referências

- BERTALANFFY, L. V. **Teoría general de los sistemas**. México, Df: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.
- CARPENTIER, A. **El reino de este mundo**. Madrid: Alianza Ed., 2003.
- COLLI, G. **O nascimento da filosofia**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo: 1975-2000**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.
- GENETTE, G. Verossímil e motivação. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas**. Petrópolis: Vozes, 1972. p.7-34.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. da Unesp. 1991.
- HUTCHEON, L. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética. In: \_\_\_\_\_. **Poética do pós-modernismo**. Rio De Janeiro: Imago, 1991. p.10-41.
- JOHNSON, C. **Derrida: a cena da escritura**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia ou Grécia e pessimismo**. São Paulo: Escala, 2007.
- SISCAR, M. **Jacques Derrida: literatura, política e tradução**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- WEINHARDT, M. **Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular**. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, 2011.